

28 de novembro de 2010

O Dia “D” das operações contra o crime organizado no Rio de Janeiro

*Anselmo Rangel dos Anjos**

Introdução

O dia 28 de novembro de 2010 passará para a história da cidade do Rio de Janeiro como o Dia “D” da vitória do estado democrático de direito sobre o poder paralelo dos traficantes de drogas, que, por décadas, vem impondo o medo e cerceando o direito de ir e vir das populações carentes das diversas comunidades existentes na Cidade Maravilhosa.

Os órgãos de segurança pública, representados pelas polícias Civil e Militar do Estado, iniciaram às 7h59min a invasão do Complexo do Alemão, principal reduto da facção criminosa mais violenta do Rio de Janeiro — o Comando Vermelho.

Essa invasão só foi possível pela presença e participação efetiva das Forças Armadas e de outros órgãos federais, como a Polícia Federal e a Polícia Rodoviária Federal, representando a união de esforços dos três níveis de poder: União, Estado e Município.

Desde o dia 26 de novembro, foram mais de 2.700 homens empregados na operação, sendo 800 da Brigada de Infantaria Paraquedista do Exército Brasileiro, 300 policiais federais, 150 policiais do Batalhão

de Operações Especiais (BOPE), mais de 200 policiais da Coordenadoria de Recursos Especiais (CORE), além de três helicópteros blindados (FAB, Polícia Militar e Polícia Civil), seis viaturas blindadas de transporte de pessoal (VBTP M113) e um carro sobre lagarta anfíbio (CLANF), do Grupamento de Fuzileiros Navais, equipamentos de visão noturna da Marinha do Brasil, viaturas blindadas de transporte de pessoal (VBTP) Urutu e viatura blindada de combate (VBC) Cascavel do 15º Regimento de Cavalaria Mecanizado do Exército, bem como Viaturas Blindadas do BOPE e da Polícia Civil, conhecidas popularmente como “caveirões”.

Por outro lado, contabilizaram-se em torno de 600 a 700 traficantes homiziados no complexo de 12 comunidades do Alemão, os quais dispunham de grande quantidade de armamento e munições de diversos calibres, além de contar com total conhecimento do terreno. O lugar se caracterizava por concentração de construções destinadas à moradia, vias de acesso restritas para a maioria dos veículos, campos de tiro e observação muito reduzidos e um emaranhado de becos e vielas que dificulta-

* O autor é tenente-coronel de Cavalaria do Exército Brasileiro e mestre em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Possui o Curso de Estado-Maior Combinado da Escola Superior de Guerra. Atualmente, é instrutor da Seção de Operações Conjuntas da ECEME. (anselmorangel@ig.com.br)

va a progressão e a orientação por parte das tropas. Todo esse cenário fazia os órgãos de segurança pública e a sociedade em geral acreditarem que os criminosos dominavam um território inexpugnável.

A seguir, será apresentada uma síntese dos principais fatores que contribuíram para o sucesso da operação realizada no Complexo do Alemão, bem como observações realizadas pelo autor e oportunidades de melhoria para futuras ações.

Desenvolvimento

Fatores que contribuíram para o sucesso da operação

1) Pronta resposta aos ataques de terror na cidade do Rio de Janeiro

Na tarde do dia 21 de novembro, três automóveis foram parados por seis bandidos na Linha Vermelha. Armados de fuzis, os marginais obrigaram motoristas e acompanhantes a descer dos carros. Em um gesto inesperado, atearam fogo em dois veículos e, antes de fugir, dispararam uma rajada de tiros contra uma viatura da Aeronáutica que passava pelo local.



Figura 1 – Ônibus incendiado na Avenida Presidente Vargas
Fonte: www.oglobodigital.com.br (acesso em 14 dez. 2010, edição de 26 nov. 2010)

Cabines da Polícia Militar foram metralhadas na Zona Norte, e bairros inteiros

tomados por tiroteios, obrigando o comércio a baixar as portas e as escolas a liberar os alunos.

Estava dada a senha para uma sucessão de arrastões e ataques a veículos particulares, ônibus e vans, que transformou o Rio de Janeiro em um campo de batalha nos últimos dias do mês de novembro, espalhando o medo entre a população e aumentando a dúvida sobre a capacidade de o Rio sediar com segurança os jogos da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

Segundo dados divulgados pelo *site* da Polícia Militar (PM), no período de 21 a 28 de novembro, constaram 101 veículos incendiados na região metropolitana do Rio de Janeiro, sendo 57 carros, 29 ônibus, seis caminhões, cinco vans, duas motos, uma Kombi e uma sucata.

Por meio desses ataques, os traficantes tinham a nítida intenção de aterrorizar a população da cidade e de aumentar a visibilidade de suas ações por meio da divulgação de imagens na mídia nacional e internacional, tudo com a finalidade de intimidar a Secretaria de Segurança e testar a efetividade do planejamento de combate ao tráfico.

O terrorismo que antecedeu a invasão da Vila Cruzeiro no dia 25 de junho já era uma manifestação de desespero dos traficantes diante dos golpes certos que o poder público lhes estava desferindo.

Essas ações, clara reação à instalação das unidades de polícia pacificadora (UPPs), contribuíram para a antecipação das operações de conquista da Vila Cruzeiro e do Complexo do Alemão, cuja ocupação já havia sido planejada, porém com execução somente prevista para o segundo semestre de 2011.

Na verdade, o tiro dos bandidos saiu pela culatra, tendo em vista que eles não es-

peravam uma reação tão rápida e efetiva dos órgãos policiais. Além disso, a sociedade, aterrorizada com a série de atentados, uniu-se e passou a dar total liberdade e a apoiar todas as operações realizadas para o restabelecimento da lei e da ordem na cidade.

2) Ocupação da Vila Cruzeiro

O estopim para a invasão das favelas na Penha foi a série de ataques, em toda a cidade, comandada por criminosos que lá se refugiavam.

No dia 25 de novembro, iniciou-se a ocupação da Vila Cruzeiro. Depois de esboçarem uma rápida reação, cerca de 200 bandidos fugiram, subindo a Serra da Misericórdia e seguindo para o vizinho Morro do Alemão. Alguns deles ficaram feridos.

Os bandidos não contavam que a polícia, até então combatendo os ataques nas ruas do Rio, fosse atrás do inimigo em sua fortaleza e invadisse a favela, que era considerada inexpugnável.

Os traficantes, chefiados pelo temido Fabiano Atanázio, o "FB", sucumbiram à estratégia adotada pela Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro.

A quadrilha, utilizando uma tática que estava sendo bem-sucedida, espalhou barricadas de pneus em chamas, caminhões e carros pelas vielas, tendo em vista que, no dia anterior, durante uma operação em favela vizinha à Vila Cruzeiro, os "caveirões" da PM ficaram pelo caminho, com os pneus estourados.

Mas essas barreiras não foram suficientes para parar os blindados sobre lagartas da Marinha.

Para especialistas de segurança pública, a tomada da Vila Cruzeiro pelas forças policiais do Rio, com o apoio dos blindados dos fuzileiros navais, em muito lembrou uma tática usada com sucesso nos três primeiros anos da Segunda Guerra Mundial pelas tropas alemãs, a chamada *Blitzkrieg*¹, cujos elementos essenciais eram o efeito surpresa, a rapidez da manobra e a brutalidade do ataque.

O esperado confronto, que poderia durar horas, no entanto, não ocorreu. Uma intensa troca de tiros marcou a entrada da PM, mas, em seguida, os criminosos silenciaram as armas e começaram a fugir pela mata.

A fuga do bando da Vila Cruzeiro para o Complexo do Alemão foi transmitida ao vivo pelo helicóptero da Rede Globo, o que causou grande impacto na população, aumentando a liberdade de ação da Secretaria de Segurança Pública e consolidando a ideia de que, naquele momento, os criminosos já se encontravam desarticulados e desorganizados.

A partir da conquista da Vila Cruzeiro, o próximo objetivo era o Complexo do Alemão. Para que a operação fosse bem-sucedida, seria necessário o emprego de grande efetivo para o cerco de todos os acessos, o que não seria possível somente com a participação das forças policiais.

3) Participação das Forças Armadas

Nessa operação "conjunta", em apoio às operações policiais de investimento à localidade, coube ao Exército Brasileiro realizar o cerco do Complexo do Alemão e o intercâmbio de inteligência. A Marinha e a Força Aérea

¹ Termo alemão para guerra-relâmpago — foi uma doutrina militar que consistia em utilizar forças móveis em ataques rápidos e de surpresa, com o intuito de evitar que as forças inimigas tivessem tempo de organizar a defesa.

incumbiram-se do suporte logístico, por meio do uso de viaturas blindadas de transporte de pessoal dos Fuzileiros Navais e aeronaves de asa rotativa, respectivamente.

A operação de invasão da Vila Cruzeiro contou com a participação das viaturas da Marinha em colaboração às ações do BOPE, que conseguiram, de forma inédita e com forte proteção blindada, ultrapassar obstáculos lançados ao longo dos principais acessos e se aproximar decisivamente dos criminosos, forçando-os a abandonar as suas, até então, intransponíveis posições defensivas e fugir em bando para o Complexo do Alemão.

Durante a conquista dessa comunidade, ao esmagarem obstáculos, como blocos de concreto, restos de trilhos de trem e até carros e um caminhão queimado, colocados pelos traficantes em ruelas estratégicas, os blindados fizeram em quatro horas um trabalho que poderia levar uma semana, contribuindo significativamente para a abertura do prosseguimento das forças de segurança em direção ao objetivo principal.

No dia 26 de novembro, à meia-noite, o Comandante do Exército recebeu do ministro da Defesa a missão de cercar o Complexo do Alemão, atribuindo-a ao Comando Militar do Leste (CML).

O General Adriano, Comandante Militar do Leste, decidiu empregar 800 militares da Brigada de Infantaria Paraquedista, que se deslocaram para o Complexo do Alemão e ocuparam, em menos de doze horas, os principais acessos das comunidades, possibilitando, dessa forma, que a Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro concentrasse todo o seu efetivo policial na ação decisiva de invasão.



Figura 2 – Blindados da Marinha em apoio ao BOPE
Fonte: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>
(acesso em 14 dez. 2010, edição 2193 – ano 43 – de 01 dez. 2010)

As forças eram compostas por dois efetivos distintos, um formado por militares e outro, por policiais. O Exército comandou e coordenou as ações de cerco, enquanto a Secretaria de Segurança Pública se encarregou das ações de investida sobre a localidade e missões de busca e apreensão, não havendo, portanto, qualquer subordinação entre ambas as partes.

Além dessas ações, também houve efetiva troca de informações por meio da integração dos sistemas de inteligência.

Em mensagem recebida pelo autor por meio de correio eletrônico, o general Pinto Silva², no texto sobre o “Emprego do Exército no Rio de Janeiro”, afirma que, para a Força Terrestre, tratou-se de uma operação de garantia da lei e da ordem (GLO), enquadrada

² General de exército R1 Carlos Alberto Pinto Silva - ex-comandante de Operações Terrestres (COTER) e ex-comandante militar do Sul e do Oeste.

em um ambiente típico de conflito de um Estado contra grupos não estatais (criminosos), os quais se vêm rotulando de “novas ameaças”. A tropa atuou em uma batalha não convencional, urbana, com grande probabilidade de enfrentar grupos de atores cuja intenção era abater a força de vontade da sociedade, a credibilidade dos governos e a eficiência dos órgãos de segurança pública. Em outras palavras, tratou-se de um “ambiente assimétrico”.

Para o general, o Exército encontrou-se diante, mais uma vez, de uma situação determinada pelos três pilares básicos que sustentam a preparação e o emprego de forças, segundo a sua destinação constitucional: a vontade política (decisão), as capacidades e o respaldo legal.

A vontade política ficou bem definida quando o governador do Rio de Janeiro solicitou ao presidente da República, por meio do ministro da Defesa, o apoio das Forças Armadas, sendo prontamente atendido.

As capacidades ficaram caracterizadas pelo emprego de Fuzileiros Navais e tropas da Brigada de Infantaria Paraquedista, regularmente preparados e adestrados para enfrentar as novas ameaças. Desses militares, em torno de 60% já haviam participado da MINUSTAH³, a qual lhes conferira experiência na conquista e manutenção de territórios ocupados por traficantes.

O respaldo legal é que pode ser considerado questionável nessa operação, tendo em vista que, para empregar as Forças Armadas, o mais recomendado seria a decretação do estado de defesa, conforme previsto no Art. 136 da Constituição Federal⁴.



Figura 3 – Comandante do Exército inspeciona tropas paraquedistas no Alemão
Fonte: www.oglobodigital.com.br (acesso em 14 dez. 2010, edição de 03 dez. 2010)

Entretanto, a atuação da tropa foi amparada pelos §§ 2º, 3º e 4º do Art. 15 da Lei Complementar Nr 97, de 09 de junho de 1999, que trata das Normas Gerais para a Organização, o Preparo e o Emprego das Forças Armadas, e pelos Art. 3º, 4º e 5º do Decreto Nr 3.897, de 24 de agosto de 2001, que trata do Emprego das Forças Armadas na Garantia da Lei e da Ordem, cujo teor é o seguinte:

Art. 3º Na hipótese de emprego das Forças Armadas para a garantia da lei e da ordem, objetivando a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, porque esgotados os instrumentos a isso previstos no art. 144 da Constituição, lhes incumbirá, sempre que se faça necessário, desenvolver as ações de polícia ostensiva, como as demais, de natureza preventiva ou repressiva, que se incluem na competência, constitucional e legal, das Polícias Militares, observados os termos e limites impostos, a estas últimas, pelo ordenamento jurídico.

³ Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH).

⁴ “O Presidente da República pode, ouvidos o Conselho da República e o Conselho de Defesa Nacional, decretar estado de defesa para preservar ou prontamente restabelecer, em locais restritos e determinados, a ordem pública ou a paz social ameaçada por grave e iminente instabilidade institucional ou atingidas por calamidades de grandes proporções na natureza.” (Art. 136 da Constituição Federal)

Parágrafo único. Consideram-se esgotados os meios previstos no art. 144 da Constituição, inclusive no que concerne às Polícias Militares, quando, em determinado momento, indisponíveis, inexistentes, ou insuficientes ao desempenho regular de sua missão constitucional.

Art. 4º Na situação de emprego das Forças Armadas objeto do art. 3º, caso estejam disponíveis meios, conquanto insuficientes, da respectiva Polícia Militar, esta, com a anuência do Governador do Estado, atuará, parcial ou totalmente, sob o controle operacional do comando militar responsável pelas operações, sempre que assim o exijam, ou recomendem, as situações a serem enfrentadas.

§ 1º Tem-se como controle operacional a autoridade que é conferida a um comandante ou chefe militar para atribuir e coordenar missões ou tarefas específicas a serem desempenhadas por efetivos policiais que se encontrem sob esse grau de controle, em tal autoridade não se incluindo, em princípio, assuntos disciplinares e logísticos.

§ 2º Aplica-se às Forças Armadas, na atuação de que trata este artigo, o disposto no caput do art. 3º anterior quanto ao exercício da competência, constitucional e legal, das Polícias Militares.

Art. 5º O emprego das Forças Armadas na garantia da lei e da ordem, que deverá ser episódico, em área previamente definida e ter a menor duração possível, abrange, ademais da hipótese objeto dos arts. 3º e 4º, outras em que se presuma ser possível a perturbação da ordem, tais como as relativas a eventos oficiais ou públicos, particularmente os que contem com a participação de Chefe de Estado, ou de Governo, estrangeiro, e à realização de pleitos eleitorais, nesse caso quando solicitado.

4) Participação das polícias civil e militar do Rio de Janeiro

A atuação eficiente e coordenada dos órgãos de segurança pública do Rio de Janeiro, desde o combate inicial aos ataques de terror até a conquista dos complexos da Penha e do Alemão, foi o fator primordial do sucesso das operações, transformando-se em motivo de grande orgulho e admiração da sociedade ca-

rioca e de toda a população brasileira, que se uniram em apoio irrestrito às ações policiais.

A Secretaria de Segurança procurou sempre atuar em duas frentes: uma de combate, recuperando territórios do tráfico; e outra, de inteligência, atingindo os bens dos traficantes para enfraquecê-los financeiramente.

Assim, após a retomada das favelas da Vila Cruzeiro, na Penha, a Polícia Civil desencadeou uma operação para enfraquecer a quadrilha formada por parentes, contadores e advogados dos principais chefes do tráfico no Rio, os quais seriam os articuladores dos ataques na cidade.

Entretanto, o objetivo número um dos policiais era a conquista do Complexo do Alemão, considerado como um empório do tráfico de drogas e de armas, tendo em vista sua relativa proximidade a grandes acessos, fossem eles rodoviários (Avenida Brasil e linhas Amarela e Vermelha), marítimos (Baía de Guanabara) ou aéreo (Aeroporto Internacional Tom Jobim), tudo associado ao crescimento desordenado, à geografia do local e à ausência histórica de policiamento.

Porém, antes da invasão propriamente dita, na tentativa de evitar um banho de sangue, o Comando-Geral da Polícia Militar estabeleceu, no dia 27 de novembro, um ultimato para que 600 bandidos refugiados no Alemão depusessem as armas e se rendessem.

Houve, por meio do cerco estabelecido pelos paraquedistas do Exército, proibição de acesso de qualquer pessoa ao morro a partir das 19h30min.

O recado foi direto: a rendição seria possível, em segurança, dentro das normas internacionais – com as mãos e fuzis na cabeça.

Com o término do ultimato, aproximadamente às 07h59min de 28 de novembro de

2010, o Dia “D” das operações “conjuntas” contra o crime organizado no Rio de Janeiro, o sinal verde para a invasão foi dado quando o helicóptero da Polícia Civil começou a sobrevoar o Complexo do Alemão, e os agentes da aeronave revidaram, com tiros, o ataque dos bandidos.

Os policiais civis iniciaram a incursão na favela e, minutos depois, a Polícia Militar entrou em ação. Pelas ruas das comunidades, a tropa conquistou dois quilômetros em 15 minutos.

Às 8h12min, a polícia já controlava a região conhecida como Areal, área central do morro, cuja conquista era considerada essencial para o sucesso da operação. O chefe da Polícia Civil, Allan Turnowski, disse que a tomada do Areal foi mais rápida do que o esperado. Segundo ele, os agentes encontraram as ruas e vielas desertas nesse primeiro momento da ocupação.

Após a conquista do Areal e da região conhecida como Coqueiro, foi a vez de os blindados participarem ativamente da missão. Os CLANF, cedidos pelos Fuzileiros Navais, entraram pela Fazendinha, que fica em outro lado do Complexo do Alemão, a partir das 8h40min. Os veículos foram usados para levar mais policiais para dentro da favela, apertando o cerco aos traficantes. Este apoio prestado pela Marinha do Brasil foi fundamental, apesar de restrito apenas ao uso dos blindados e seus condutores.

Como resultado das operações em todo o Complexo, antes controlado por 600 bandidos, foram apreendidas cerca de 40 toneladas de maconha, 200 quilos de cocaína, 30 quilos de crack, 1.400 frascos de lança-perfume, 200 pistolas, 1.200 fuzis, 34 metralhadoras, sendo

nove Mtr .30, 178 granadas, seis bombas artesanais, 10.000 cartuchos de diversos calibres, 50 coletes à prova de balas, um laboratório para o refino de drogas e dezenas de motocicletas roubadas e abandonadas. Essa foi considerada a maior apreensão da história da corporação no estado.

Grande parte desse material estava guardada em tonéis de plástico enterrados a dois metros de profundidade, prática usada pelas FARC⁵.

Ao todo, 133 pessoas foram presas desde o início das operações, das quais 21 são menores.

A quantidade de drogas apreendidas, armas, carros e motocicletas dá a dimensão do golpe sofrido pelos traficantes em sua fonte de renda. Foi atingido principalmente o Comando Vermelho — maior facção criminosa do Rio — que ficou enfraquecido e desarticulado.

A imagem do traficante “Zeu”⁶ correu o mundo e ilustrou de forma incontestável



Figura 4 – Policiais civis iniciam a invasão do Complexo do Alemão
Fonte: www.oglobodigital.com.br (acesso em 14 dez. 2010, edição de 29 nov. 2010)

⁵ Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia.

⁶ ZEU — um dos criminosos condenados pela morte do jornalista Tim Lopes, da TV Globo.

a humilhante situação na qual se encontram, agora, alguns dos criminosos mais perigosos do país. A queda da fortaleza do tráfico no Conjunto de Favelas do Alemão, na Zona Norte do Rio, foi emblematicamente simbolizada pela figura do criminoso sujo, sem camisa e com a bermuda molhada pela própria urina.

Com isso, observou-se que a estratégia da polícia superou o terror dos traficantes. As forças de segurança precisaram apenas de cerca de uma hora para retomar o Complexo do Alemão e devolver a tranquilidade aos moradores dos 12 morros da região.

Emocionado, assim disse, no fim do dia 28 de novembro, o secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame: “o Alemão era o coração do mal” — traduzindo em poucas palavras o significado da vitória.

5) Participação de outros órgãos federais, estaduais e municipais

A Polícia Federal cedeu 300 agentes e um avião para o transporte dos presos.

Em uma ação conjunta com a Polícia Civil, a Secretaria de Ordem Pública do Estado do Rio de Janeiro (Seop) e a Secretaria Municipal de Conservação retiraram os rastros deixados pelos ataques feitos por bandidos em toda a cidade.

Mais de 50 reboques da Seop trabalharam em diversos pontos da cidade. Foram removidos até o dia 26 de novembro trinta e dois veículos. Além disso, cem homens da Comlurb e da Riolut, com 17 caminhões e duas pás mecânicas, deram apoio à população e aos policiais. As ações envolveram retirada de entulhos, desobstrução de vias e restabelecimento da iluminação nos locais das operações.



Figura 5 – Armas, munição e drogas apreendidas
Fonte: www.oglobodigital.com.br (acesso em 14 dez. 2010, edição de 01 dez. 2010)

Estabelecimentos irregulares em cima das calçadas foram derrubados. Após a ocupação dos Complexos da Penha e do Alemão, foram feitos mutirões para levar a legalidade e a ordem a esses lugares.

Cabe destacar a participação efetiva da Polícia Rodoviária Federal, que realizou revistas em ônibus, vans, caminhões e táxis nas rodovias Presidente Dutra, Washington Luiz e BR-101, com o objetivo de evitar a fuga de bandidos que tentavam escapar do Complexo do Alemão.

Também houve apoio dos órgãos de saúde pública. A guerra anunciada na Vila Cruzeiro fez com que o secretário estadual de Saúde, Sérgio Cortes, despachasse no Hospital Getúlio Vargas. Médicos-bombeiros foram deslocados para a unidade, e um verdadeiro centro de atendimento de guerra foi criado para atender feridos.

Pelo mesmo motivo, a Unidade de Pronto Atendimento do Parque Ary Barroso, na Penha, ganhou o reforço de mais macas e novas unidades de terapia intensiva.

6) Participação da justiça

Segundo o Desembargador Luiz Zveiter, presidente do Tribunal de Justiça do Rio, o Estado conseguiu dificultar e até mesmo impedir que houvesse qualquer diálogo entre as quadrilhas e seus respectivos comandos, através de ações que envolveram as secretarias de estado de Segurança Pública e Administração Penitenciária, o Ministério Público, o Ministério da Justiça e o Tribunal de Justiça.

Esse ruído nas comunicações dos traficantes contribuiu para o enfraquecimento da cúpula do crime. Com a transferência de Marcinho VP para Porto Velho, por exemplo, toda a estrutura que ele tinha conseguido erguer no Paraná para se comunicar foi quebrada, gerando instabilidade na quadrilha.

Outras medidas importantes da justiça foram a expedição de treze mandados de prisão e onze de busca e apreensão; a decretação da prisão de advogados dos traficantes, por servirem como pombos-correios dos bandidos; além da determinação do confisco de onze imóveis e cinco carros dos criminosos.

A prisão de familiares e “laranjas” dos bandidos também contribuiu para o enfraquecimento financeiro do crime organizado. Acusada de lavagem de dinheiro, Viviane Sampaio, mulher do Polegar, chefe do tráfico na Mangueira, foi presa em seu apartamento, na Barra.

A transferência de 10 bandidos, acusados de atear fogo a veículos, para o presídio de segurança máxima de Catanduvas, no Paraná, também foi autorizada pela Justiça a pedido do governador Sérgio Cabral.

No dia 24 de novembro, outros oito traficantes, supostamente ligados aos ataques, que estavam no Complexo Penitenciário de Bangu, também foram levados para Catanduvas.



Figura 6 – Participação da Polícia Rodoviária Federal
Fonte: www.oglobo.com.br (acesso em 14 dez. 2010, edição de 26 nov. 2010)

Por fim, ressalta-se a atuação da Ordem dos Advogados do Brasil do Rio (OAB-RJ), que decidiu suspender temporariamente as licenças de três advogados suspeitos de repassarem informações de traficantes presos a integrantes de quadrilhas que teriam participado dos ataques de terror no estado.

Esses advogados ficaram impedidos de exercer a profissão por 90 dias, até o fim do processo, que pode ter culminado com a sua exclusão da OAB-RJ.

7) Participação da imprensa

A imprensa desempenhou papel fundamental por meio de uma intensa cobertura ao vivo e acompanhamento das ações, bem como na elucidação dos fatos, na confirmação de informações e no desmentido de boatos, contribuindo para a redução da possibilidade de exploração, por parte dos criminosos, de seus êxitos e de eventuais fracassos da tropa, sobretudo os que poderiam produzir efeitos contíguos no seio da população, tendo em vista que notícias de ataques e tiroteios não confirmados ajudavam a alimentar o terror.

Também serviu como um nobre canal de veiculação para ações de comunicação social e operações psicológicas, cabendo destacar as

chamadas para o Disque-Denúncia, o apoio ao ultimato dado pelo Comando-Geral da PM para a rendição dos traficantes e a cobertura das ações de blindados e de demais demonstrações de força dos policiais.

As imagens da fuga de centenas de bandidos feitas pelo helicóptero da TV Globo e mostradas ao vivo, por volta das 15h do dia 25 de novembro, causaram perplexidade. Foram cenas inéditas, que deram o tom ainda mais forte à guerra travada na Vila Cruzeiro, na Penha.

A cobertura da mídia mostrou que a sociedade e as instituições de segurança uniram-se contra a onda de violência que banhou o Rio nos últimos anos, graças à disputa de território entre as três facções criminosas: Comando Vermelho (CV), Terceiro Comando (TC) e Amigos dos Amigos (ADA).

Além disso, cabe destacar que a Internet, os jornais e as emissoras de TV e rádio contribuíram decisivamente para a manutenção da autoestima e do moral elevados das forças de segurança e dos militares que participaram das operações, explicitando a alegria e a emoção de quem dedicou horas de trabalho, energia e sacrifício em benefício do restabelecimento da ordem em áreas esquecidas pelo poder oficial há décadas.

8) Instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP)

A instalação, de forma pacífica, da primeira UPP ocorreu no morro Dona Marta, em Botafogo, no mês de dezembro de 2008. Houve total apoio da comunidade, porém um descrédito da sociedade quanto à permanência e à efetividade do policiamento.

Após alguns meses de ocupação, percebeu-se uma nítida redução dos índices de criminalidade nos arredores da comunidade,

bem como em vários pontos de Botafogo, contribuindo, inclusive, para a valorização patrimonial dos imóveis daquele bairro.

Símbolo do programa, o Dona Marta vive hoje uma outra realidade. Sem nenhum homicídio registrado nos últimos dois anos, a favela teve suas vielas nomeadas e seus casebres numerados. A ação, elementar, reinseriu 6.000 pessoas no mercado consumidor. Agora, elas têm conta de luz e podem abrir um crediário nas grandes redes de varejo.

A comunidade passou a ser visitada por turistas nacionais e internacionais, alimentou pautas de reportagens para órgãos de imprensa de diversos países, além de abrigar gravações de filmes, novelas e videoclipes.

A partir do sucesso alcançado no Dona Marta, observou-se que era possível ampliar esta ação para outros locais.

Nos anos de 2009 e 2010, houve a instalação de mais 12 UPPs nas seguintes comunidades: Cidade de Deus, Batan, Babilônia e Chapéu Mangueira, Tabajaras e Cabritos, Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, Providência, Borel, Formiga, Andaraí, Turano, Salgueiro e Macacos.

A instalação das UPPs permitiu que uma população aproximada de 200 mil pessoas estivesse livre do fuzil. Se for aumentado o perímetro de influência da ocupação, este número pode atingir 500 mil. Pode-se ver isso com a redução da criminalidade, com o retorno das crianças às escolas e com o fomento do comércio.

Na Cidade de Deus, em Jacarepaguá, a Escola Municipal Pedro Aleixo, que tinha, antes da ocupação, um ponto de tráfico nos seus arredores, registrou, após instalação de UPP, aumento de 30% na frequência de alunos e de 40% nas matrículas.

Muitos morros foram retomados sem o disparo de um único tiro. Apesar das críticas,



Figura 7 – Fuga dos bandidos para o Complexo do Alemão
Fonte: www.oglobodigital.com.br (acesso em 14 dez. 2010, edição de 26 nov. 2010)

o cronograma da Secretaria de Segurança seguia no ritmo inicialmente estabelecido, sem a previsão de um confronto mais intenso em curto prazo. A ideia era formar mais soldados, pacificar outras regiões, a exemplo da Tijuca e da Zona Norte, para depois enfrentar os bandidos em seus principais redutos: os complexos da Penha e do Alemão.

As UPPs cumprem o papel tático de asfiliar economicamente as quadrilhas, ao mesmo tempo em que permitem à polícia criar laços com os moradores. E, estrategicamente, esses batalhões avançados abrem espaço para o poder público, enfim, realizar programas de inclusão social, através de serviços de infraestrutura, educação, saneamento, saúde, lazer etc.

Esse é apenas um pilar de um projeto bem mais amplo, que pressupõe a intervenção do Estado em demandas sociais crônicas, cujo acúmulo relegou inúmeras regiões à exclusão da cidadania e ao consequente domínio da criminalidade.

9) Disque-Denúncia

Em 25 de novembro, o Disque-Denúncia bateu o recorde de atendimento. Segundo o coordenador do serviço, Zeca Borges, no dia 24 de novembro, o número de denúncias já era o maior registrado em 15 anos de existência, com

854 chamadas. No dia 25, por volta das 22h, a marca dos mil atendimentos foi ultrapassada.

Desde o dia 21 de novembro, quando começaram os ataques, com carros sendo incendiados na cidade, até o dia 28, data da invasão do Complexo do Alemão, o órgão já havia contabilizado 4.672 denúncias.

No dia 28 de novembro, a coordenadoria do Disque-Denúncia recebeu diversas ligações, sendo que a maioria delas havia partido de moradores das comunidades invadidas pelas forças de segurança.

A população denunciou locais de esconderijo de bandidos, de armas e de drogas, informando também que traficantes tentariam fugir do Alemão por tubulações de esgoto, instaladas pelas obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Quando os moradores percebiam que a polícia estava com dificuldades para achar o local indicado por eles, voltavam a ligar com novas informações.

Mas a colaboração da população não ficou restrita ao uso do telefone. Muitos moradores não se intimidaram e passaram informações pessoalmente. As pessoas faziam suaves gestos com as mãos, movimentos com os olhos e sinalizavam com a cabeça em direção a possíveis esconderijos.

Com isso, observou-se que a sociedade, por meio dessa mudança de comportamento, incorporou a necessidade de estar ao lado do poder público, tendo em vista que, em incursões anteriores, os policiais tinham muita dificuldade de contato com a população da favela, que, por medo, sequer olhava para eles.

10) Apoio da população

Nas esquinas e em frente às lojas e prédios, as pessoas se agrupavam e, como

se estivessem nas salas de cinema assistindo ao sucesso *Tropa de Elite 2*, aplaudiam e gesticulavam, demonstrando apoio. Cena rara em operações desse tipo, alguns moradores deixaram suas casas para oferecer água aos agentes de segurança.

Policiais de outros estados e até aposentados, militares da reserva, se apresentaram voluntariamente para trabalhar nas operações de combate ao crime organizado.

Depois do terror e do espanto diante das notícias sobre a guerra entre policiais e traficantes no Rio, cariocas e fluminenses, anônimos ou famosos, amplificaram uma corrente de solidariedade à população e às forças policiais. Aos poucos, a onda de boatos na Internet deu lugar a mensagens de paz.

Até mesmo um menino de oito anos, que havia sido baleado por se recusar a incendiar um carro por ordem de traficantes do Jacarezinho, demonstrou que a população não aceita mais o controle de bandidos na favela.

Manifestações de apoio à ação das forças de segurança durante a ocupação do Morro do Alemão dominaram as redes sociais. Milhares de pessoas usaram a Internet para demonstrar solidariedade à polícia com mensagens de otimismo e esperança. A retomada emblemática de uma área antes dominada por traficantes fez despertar o orgulho carioca.

Uma pesquisa do IBOPE, feita entre os dias 27 e 29 de novembro, mostrou que 88% dos moradores do Rio aprovaram as medidas do governo para conter os ataques dos bandidos e 82% da população confiavam na capacidade da polícia de reprimir as ações dos criminosos, enquanto 93% eram favoráveis à participação das Forças Armadas nas operações.

11) *Exploração das considerações civis*

Os métodos de planejamento de comando contemplam cinco fatores da decisão: missão, inimigo, terreno, meios e tempo. Atualmente um sexto fator vem sendo incorporado ao estudo de situação do comandante: as considerações civis.

A exploração desse último fator ficou bastante evidenciada, tanto na Vila Cruzeiro quanto no Alemão, ao se evitarem a todo custo os danos colaterais à população local, cujos efeitos negativos poderiam comprometer seriamente o andamento e o sucesso das operações.

O general Álvaro de Souza Pinheiro⁷, em seu artigo sobre *As considerações civis, o terreno humano e o conflito do século XXI*, afirma que, em um ambiente operacional caracterizado pela presença de forças irregulares, hostis e aliadas, dispersas em meio às comunidades da população local (caso do Complexo do Alemão), essas pessoas passam a ter uma relevância ímpar para a consecução bem-sucedida dos objetivos estratégicos, operacionais e táticos estabelecidos pelos diferentes níveis de comando.

Nesse mesmo artigo, o general Álvaro também diz que, cada vez mais, torna-se impositivo o domínio de conhecimentos específicos sobre as culturas, percepções, valores, crenças e interesses, bem como os seus reflexos nos processos de tomada de decisão de indivíduos e grupos. É o “terreno humano” ganhando uma relevância que, não raro, sobrepuja o terreno fisiográfico, confirmando, de forma inequívoca, que **a dimensão psicossocial é a essência dos conflitos do século XXI.**

O conhecimento sobre os grupos sociais presentes e seus interesses, crenças, líderes e fatores motivadores de comportamentos gru-

⁷ General de brigada R1 do Exército Brasileiro, analista militar, especialista em operações especiais, guerra irregular e operações contraterrorismo.

pais e individuais, tornou-se absolutamente imprescindível nos conflitos armados atuais.

Para isso, observou-se, nos planejamentos, uma preocupação quanto ao atendimento médico-hospitalar de emergência, à assistência social para os moradores desalojados, à suspensão de aulas nas escolas, ao fechamento do comércio, ao isolamento da área para o trânsito de veículos, à interdição do espaço aéreo sobrejacente e ao atendimento integral dos preceitos legais dos direitos humanos.

Quarenta leitos foram reservados no Hospital Estadual Getúlio Vargas, na Unidade de Pronto-Atendimento (UPA) da Penha e no Hospital de Campanha, instalado em Del Castilho, para as possíveis vítimas dos confrontos no Alemão e Vila Cruzeiro. Além disso, a Cruz Vermelha ofereceu 200 voluntários socorristas para ajudar na emergência de hospitais.

Entretanto, ao contrário do que se temia, o banho de sangue não aconteceu. Como prometido pelas forças policiais, depois de 24 horas de um ultimato em que se aguardou a rendição dos bandidos, o território foi ocupado sem ferir um inocente sequer. Nas baixas, três mortos, apenas do lado dos criminosos, confirmando a eficiência da exploração das considerações civis nos planejamentos realizados para essa operação.

12) *Exibição dos filmes Tropa de Elite 1 e 2*

O carioca, seja “do asfalto” ou “do morro”, é um povo acostumado, por diferentes razões, a associar a polícia com suborno, violência, medo e insegurança.

O sucesso dos filmes *Tropa de Elite* ajudou a desmitificar as entranhas do trabalho

policial, aproximando-o da sociedade. Por meio do capitão e do coronel Nascimento, personagens, respectivamente, de *Tropa de Elite 1 e 2*, José Padilha, diretor de cinema e roteirista dos dois filmes, e Rodrigo Pimentel⁸ elevaram os soldados do BOPE à condição de heróis populares, além de revelar as mazelas da população de comunidades carentes do Rio de Janeiro submetidas ao jugo de bandos de criminosos, sejam eles traficantes de drogas ou milicianos.

A repercussão positiva dos filmes na imprensa e a grande audiência e aceitação por parte do público, particularmente o *Tropa de Elite 2*, em cartaz nos cinemas por ocasião dos confrontos, garantiram o aumento da liberdade de ação dos órgãos de segurança pública, contribuindo significativamente para o sucesso das operações.

13) *Criação de uma Central Integrada de Inteligência*

A ideia de centralizar os serviços de inteligência agilizou a tomada de decisões. A Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro montou em sua sede, na Central do Brasil, um centro integrado dos órgãos de segurança para aprimorar o trabalho de análise das informações e tentar neutralizar com mais rapidez eventuais ataques.

Reuniram-se desde 26 de novembro pela manhã, em uma sala desse centro, representantes da Marinha, do Exército, da Aeronáutica, das polícias Civil, Militar e Federal, da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), da Guarda Municipal, da Polícia Rodoviária Federal, da Subsecretaria de Inteligência, do

⁸ Jornalista e ex-capitão do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) da Polícia Militar do Rio de Janeiro, inspirador dos personagens capitão e coronel Nascimento dos filmes *Tropa de Elite 1 e 2*, e comentarista de segurança da TV Globo.

Disque-Denúncia e da Secretaria Estadual de Administração Penitenciária.

O encontro de diversos sistemas em um só lugar permitiu que se tivesse uma avaliação aperfeiçoada das informações, contribuindo para a execução sinérgica das ações policiais de forma mais eficiente e coordenada em cada situação.

Oportunidades de melhoria

Quanto à ocupação da Vila Cruzeiro, entende-se que há oportunidade de melhoria. A entrada, em força, nessa comunidade mereceria aprimoramentos, tendo em vista que jamais poderia ter sido realizada sem “cercar” todo o conjunto. Com isso, os traficantes fugiram.

Alguns questionamentos quanto ao planejamento para evitar a fuga poderiam ser feitos por especialistas em operações militares, tais como:

- ocuparam, inicialmente, as alturas?
- isolaram todo o conjunto?
- cercaram?
- investiram em todas as direções?

Assim, observa-se que, para essa operação ser bem-sucedida, é fundamental a aplicação do princípio de guerra da massa. Isso não ocorreu.

Quanto ao apoio da Justiça, após toda a operação realizada no sentido de conter a onda de violência no Rio, o Governo Federal precisa intensificar o isolamento dos presos que, mesmo encarcerados, coordenam ataques do lado de fora das cadeias; além disso, necessita também acelerar a aprovação de projetos de lei que tipifiquem o crime organizado e a lavagem de dinheiro.

Nesse sentido, o ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto, já pediu, inclusive, a elaboração de um estudo para mudar a norma que prevê o chamado Regime Dis-

ciplinar Diferenciado (RDD), aumentando o seu rigor.

É preciso, também, reduzir drasticamente a aplicação da progressão de pena e do regime semiaberto para os condenados por crimes violentos.

Por outro lado, torna-se imprescindível que o Ministério da Justiça e os diretores dos quatro presídios federais de segurança máxima do país levem de fato à frente — conforme fora anunciado nos órgãos de imprensa — a elaboração de um pacote de medidas para uniformizar os procedimentos com os presos das unidades prisionais da União, do qual faz parte a gravação das conversas dos detentos com parentes e advogados.

Observou-se, ainda, que há necessidade de realizar filmagem de todas as ações no interior das comunidades para evitar excessos e arbitrariedades por parte de maus policiais, contribuindo para a manutenção da transparência das operações e do apoio da população.

Seria oportuno, também, a ativação de um centro de operações civis e militares e o estabelecimento de um comando único das operações, possibilitando que os esforços desenvolvidos por cada um dos meios aplicados se dirijam de forma coordenada aos mesmos objetivos.

Por fim, é importante defender a ideia, perante a sociedade, de que as Forças Armadas sempre oferecem o seu apoio às iniciativas governamentais destinadas a garantir a segurança, a ordem, o desenvolvimento e a ajuda à população, principalmente a mais carente.

Conclusão

A previsão de ocorrência de um banho de sangue por ocasião da invasão do Comple-

xo do Alemão, felizmente, não se confirmou. O território foi reconquistado sem uma única vítima, evidenciando a preocupação de se evitar ao máximo os efeitos colaterais sobre a população local.

Cerca de 2.700 policiais militares, civis e federais, fuzileiros navais e paraquedistas participaram da operação histórica para a expulsão da quadrilha de traficantes que dominava o Complexo do Alemão.

Pouco mais de uma hora após a entrada dos policiais, o conjunto de favelas já tinha sido totalmente conquistado pelas forças de segurança.

O saldo das operações divulgado pela polícia, no período de 26 de novembro até o dia nove de dezembro, foi de: 133 pessoas presas, apreensão de 36 toneladas de maconha, 418 quilos de cocaína, 161 quilos de *crack*, 5,2 quilos de haxixe, 496 armas, sendo 143 fuzis, 182 pistolas e 39 metralhadoras, além de 43 granadas, seis bombas da fabricação caseira, 400 motos e 40 automóveis.

Esse resultado positivo contribuiu para a queda no poderio bélico e financeiro da facção criminosa que controlava o tráfico nos dois complexos e, conseqüentemente, para a redução dos índices de criminalidade em todo o estado do Rio de Janeiro.

Uma semana após as operações policiais e militares na Vila Cruzeiro e no Alemão, os índices de roubos de veículos em todo o estado caíram 63%.

O governador Sérgio Cabral, em nota oficial, reforçou que a união do poder público, em suas três esferas, foi fundamental para as ações do dia 28 de novembro e afirmou que o governo está recuperando o Rio “de uma situação de décadas de mazelas, de crise econômica, social, de falência política”.

Segundo relato de Rodrigo Pimentel, em artigo publicado no jornal *O Globo*, edição de sete de dezembro de 2010, a operação feita pelas polícias Civil e Militar do Rio de Janeiro, em conjunto com as Forças Armadas brasileiras, pode ser considerada um divisor de águas, tendo em vista ter mostrado que, quando há estratégia, comando, emprego de tecnologia e do preceito do uso escalonado da força, defendido há 20 anos pela Organização das Nações Unidas, não há como enfrentar a mão forte do Estado.

A batalha do Alemão foi o primeiro passo de uma longa jornada, cujas ações dos poderes constituídos, respeitando os princípios do estado democrático de direito, foram elogiadas pelas mídias nacional e internacional, aplaudidas pelas entidades de defesa dos direitos humanos e, principalmente, apoiadas pelas comunidades que, de forma inusitada, esqueceram o medo e se transformaram em poderosa arma a serviço das forças da legalidade, denunciando esconderijos e dando prestimosas informações.

As operações de ocupação da Vila Cruzeiro e do Complexo do Alemão queimaram uma etapa em um planejamento de mais longo prazo na guerra contra o crime organizado no Rio. Não podia ser diferente, em razão do terrorismo com o qual traficantes pretendiam emparedar o poder público fluminense, pela deflagração de ataques que exigiram e tiveram pronta e inequívoca resposta das autoridades.

Entretanto, o trabalho de pacificação só se consolida se houver investimentos sociais significativos nas comunidades ocupadas pelas forças de segurança, com equipamentos de infraestrutura, saúde, lazer e educação.

O combate ao tráfico de drogas, em qualquer estágio, é parte de uma estratégia mais ampla, na qual há outro viés do crime a ser combatido, que são as milícias, facção criminosa representada por bandos que crescem não só pela imposição da força, mas pela diversificação de atividades, como a venda de "proteção", a oferta de "serviços" no mercado da pirataria e, eventualmente, quando lhes é conveniente, até mesmo o comércio de drogas.

Os milicianos agem ao abrigo do próprio Estado, pois são quadrilhas chefiadas e

formadas organicamente por uma maioria de agentes recrutados na "banda podre" dos órgãos de segurança.

Enfrentar as milícias é outro enorme desafio cujo momento se aproxima.

O Estado brasileiro deve aproveitar o êxito da operação e partir para a perseguição implacável do inimigo, seja ele traficante ou miliciano.

Muitas comunidades do Rio de Janeiro ainda continuam sob o jugo do crime organizado e aguardam, ansiosamente, para dar um grito de liberdade e de paz. ☉

Referências

- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988. São Paulo: Atlas, 1990.
- _____. Lei Complementar Nr 136, de 25 de agosto de 2010. Brasília, DF, 2010.
- BRIGADA DE OPERAÇÕES ESPECIAIS. **Forças de Operações Especiais**. Programa de atualização doutrinária – Nº 1. 2010
- CERQUEIRA, Sofia; BRISO, Caio Barreto. **Agora é guerra**. Revista VEJA, Rio, ed. 2193, ano 43, n. 48, dez. 2010. p. 24.
- O GLOBO DIGITAL. **Beltrame: facções se uniram e reação da PM será em dobro**. Disponível em: <www.oglobodigital.com.br>. Acesso em: 14 dez. 2010, ed. 26 nov.2010.
- O GLOBO DIGITAL. **Bandidos não aceitam ultimato e polícia decide invadir Alemão hoje**. Disponível em: <www.oglobodigital.com.br>. Acesso em: 14 dez. 2010, ed. 28 nov.2010.
- O GLOBO DIGITAL. **O Rio mostrou que é possível**. Disponível em: <www.oglobodigital.com.br>. Acesso em: 14 dez. 2010, ed. 29 nov.2010.
- O GLOBO DIGITAL. **Tráfico usou serviços públicos para sair com armas do Alemão**. Disponível em: <www.oglobodigital.com.br>. Acesso em: 14 dez. 2010, ed. 01 dez.2010.
- O GLOBO DIGITAL. **Polícia caça chefe do Alemão e bando na Floresta da Tijuca**. Disponível em: <www.oglobodigital.com.br>. Acesso em: 14 dez. 2010, ed. 02 dez.2010.
- O GLOBO DIGITAL. **Ocupações já reduzem os roubos de veículos**. Disponível em: <www.oglobodigital.com.br>. Acesso em: 14 dez. 2010, ed. 03 dez.2010.
- O GLOBO DIGITAL. **A mão forte do Estado**. Disponível em: <www.oglobodigital.com.br>. Acesso em: 14 dez. 2010, ed. 07 dez.2010.
- SILVA, Carlos Alberto Pinto. **Emprego do Exército no Rio de Janeiro**. Disponível em: <pilot_167@hotmail.com>. Acesso em: 05 dez.2010.
- SOARES, Ronaldo; LIMA, Roberta de Abreu. **A guerra começa a ser vencida**. Revista VEJA, São Paulo, ed. 2193, ano 43, n. 48, dez. 2010. p. 133.